

## **A LITERATURA DO CARIBE HISPÂNICO NOS EUA: MEMÓRIA E ENTRE-LUGAR NA OBRA DE JUNOT DIAZ**

Lívia Santos de Souza (UFRJ\UNILA)

Dominicano radicado desde a infância nos Estados Unidos, Junot Diaz é um dos nomes mais representativos da literatura da diáspora dominicana na contemporaneidade. Seus livros, o volume de contos *Drown* (1996), o romance *The brief wondrous life of Óscar Wao* (*A fantástica vida breve de Óscar Wao*, 2007) e seu título mais recente, de classificação bastante difícil, *This is how you lose her* (*É assim que você a perde*, 2012) constroem um rico retrato da experiência da migração transnacional e das complexas configurações identitárias por ela propiciadas. No presente trabalho, pretende-se refletir sobre a representação dessa experiência nas narrativas de Diaz para dessa forma tentar identificar o papel desempenhado pela memória, em especial por suas manifestações vicárias e mediadas, na elaboração do imaginário identitário do entre-lugar dominicano-americano. Para tanto, serão explorados os conceitos de migração transnacional, na perspectiva trabalhada pelo intelectual uruguaio Abril Trigo (2003), as reflexões sobre memória e memória vicária elaboradas por Beatriz Sarlo em *Tempo passado* (2007), e as considerações sobre as literaturas elaboradas em contextos de migrância de Eurídice Figueiredo (2010).

Palavras-chave: literatura migrante. Narrativa caribenha. Interamericanismo

### **Apresentação**

Na presente comunicação, trabalho com um recorte da minha investigação de doutorado, cujo objeto é a obra de um escritor dominicano porém radicado desde a infância nos Estados Unidos, Junot Diaz. Pretendo refletir especificamente sobre as estratégias empregadas em seus livros para representar esse complexo elemento que é a memória.

Nascido em 1968, Diaz é um dos nomes mais reconhecidos na literatura da diáspora dominicana na atualidade. Seu romance, *A fantástica vida breve de Óscar Wao*, publicado em 2007 recebeu o aclamado prêmio Pulitzer e suas duas outras publicações, seu livro de estreia, o volume de contos *Afogado* (1996) e sua obra mais recente, o híbrido *É assim que você a perde* (2012) foram igualmente bem recebidos tanto pela crítica quanto pelo público em geral.

Os três livros lidam profundamente com a questão das migrações transnacionais, como definidas por Abril Trigo (2003). Diferente de fluxos migratórios anteriores, os movimentos internacionais na atualidade obedecem a trânsitos consideravelmente menos definitivos e lineares. O movimento, dessa forma, se torna uma constante, e

deslocamento se torna um conceito chave, absolutamente fundamental para tentar compreender esse fenômeno.

Ao presente trabalho interessa especificamente a forma como se articulam as questões relacionadas à memória nos três livros do autor. De que forma um escritor relativamente jovem, como é o caso de Diaz, lida com elementos caros à formação de sua identidade nacional, como o período da história dominicana conhecido como Trujillato, regime ditatorial vigente em um período anterior ao seu nascimento? Como reconstruir a experiência da migração quando a diáspora se deu ainda na infância? Que estratégias são utilizadas para a representação do passado ficcional de seus personagens, sempre marcados pelo processo diaspórico? A essas nada simples perguntas pretende-se pelo menos ensaiar respostas nessa comunicação.

### **A literatura do caribe hispânico nos EUA: Memória e entre-lugar na obra de Junot Diaz**

Eurídice Figueiredo, refletindo sobre escritores migrantes com base nas colocações de Salman Rushdie sobre o tema afirma que:

só lhes resta, portanto, criar ficções, não cidades reais, mas pátrias imaginárias, invisíveis. É por isto que muitos destes escritores fazem romances da memória e sobre a memória, a qual se apresenta de forma fragmentária, não oferecendo senão cacos de memória, “espelhos quebrados” (FIGUEIREDO, 2010, p. 56)

Junot Diaz, cuja obra é o objeto do presente trabalho, é um desses escritores, já que elabora uma prosa marcada pela contemporaneidade, mas que com frequência dialoga com o passado da experiência da migração em si e com um objeto ainda mais complexo, a memória de tempos não vivenciados por ele, mas processados no imaginário coletivo do dominicano, como o do período do trujillato.

Dessa forma, os “cacos”, para seguir com a metáfora resgatada no parágrafo anterior, de Junot Diaz são duplamente complexos: podem ter sido dados a ele por outrem. Ao presente trabalho interessa precisamente analisar os procedimentos empregados pelo autor para ordenar esses fragmentos, nossa hipótese é de que a substância usada para uni-los é bastante singular e só poderia pertencer a alguém que como o escritor vivenciou ainda muito jovem o processo diaspórico.

Sobre essa questão, é importante refletir sobre a relação entre memória e história, sobre a qual reflete Beatriz Sarlo em um trecho de seu livro *Tempo Passado*:

O passado é sempre conflitante. A ele se referem, em competição, a memória e a história, porque a história nem sempre pode crer na memória, e a memória desconfia de uma reconstrução que não coloque em seu centro os direitos da recordação (SARLO, 2003, p. 9)

Como escritor que lida com a História, Díaz contrapõem essas duas dimensões constantemente e esse movimento é de vital importância em todos os seus livros, mas, em especial no caso do romance, uma vez que esse lida com um momento de trauma coletivo histórico dominicano.

Alguns procedimentos merecem destaque nesse sentido, o emprego de elementos da chamada cultura de massas, profundamente identificados com a cultura do país que o recebeu é um deles, *A fantástica vida breve de Óscar Wao* é o livro em que mais frequentemente se observa esse procedimento. O ato de ceder a voz narrativa à criança parece ser outra das estratégias acessadas por Díaz, especialmente recorrente nos textos de *Afogado*. A fragmentação estrutural e a narração de viagens no sentido oposto ao mais comumente descrito nos primeiros livros, República Dominicana\Estados Unidos parecem ser os elementos que representam a impossibilidade de se reconstruir a memória de forma completa em *É assim que você a perde*, livro de difícil classificação, oscilando entre a estrutura de um romance e a fragmentação de um conjunto de contos.

Assim, a obra de Junot Díaz se destaca por uma profunda coesão temática e estilística, mas também pela diversidade de procedimentos acessados para dar conta de questões tão complexas como as que perpassam o universo da diáspora caribenha nos Estados Unidos.

### **Óscar Wao: a reconstrução do passado a partir da cultura de massas**

*A fantástica vida breve de Óscar Wao* é um romance único, por diversas razões. Sua trama gira em torno da breve história de vida de Óscar, um jovem de ascendência dominicana porém já nascido nos Estados Unidos, fascinado por elementos bastante característicos da cultura do país escolhido por seus pais para viver: jogos de RPG, romances de fantasia e histórias em quadrinhos. Ao mesmo tempo, Óscar vive em constante conflito com a comunidade a qual pertence por conta das expectativas que se

depositam em jovens como ele, uma vez que se trata de um personagem bastante afastado do estereótipo do mulhereño dominicano.

Óscar é claramente uma figura do entre-lugar. Identificado como latino\dominicano onde quer que vá no país em que nasceu, ele é ao mesmo tempo frequentemente rejeitado em sua própria comunidade por ser visto como diferente. O romance que leva seu nome é narrado por um ex-namorado de sua irmã que de alguma forma se torna seu amigo: Yunior. O personagem-narrador da trama é uma figura igualmente rica, embora também profundamente envolvido com elementos da cultura de massas norte-americana, Yunior (que aparecerá nos outros dois livros de Junot Díaz) representa com mais fidelidade o perfil estereotipado do homem dominicano, ainda que esse perfil se desconstrua com alguma frequência no romance.

Yunior mais do que um narrador representa um mediador, um indivíduo capaz de transitar por distintos espaços no universo marcado por fronteiras em que vive e que de alguma forma traduz as realidades que conhece para o leitor.

É através da voz de Yunior que temos acesso à memória no romance, e ele o faz sempre acessando um repertório proveniente da cultura de massas. Já na abertura do romance somos apresentados ao *fukú*, uma espécie de maldição que perseguiria o jovem Óscar e que seria responsável por seu trágico fim:

They say it came first from Africa, carried in the screams of the enslaved; that it was the death bane of the Tainos, uttered just as one world perished and another began; that it was a demon drawn in Creation through the nightmare door it was cracked open in the Antilles. *Fukú americanus*, or more colloquially Fukú – generally a curse or a doom of some kind; specifically the Curse of the New World (DÍAZ, 2007, p.3)

A descrição parece emular a introdução de filmes *blockbuster* de aventura ou romances populares, com a apresentação de uma praga ancestral que seria a grande responsável pelo sofrimento de um determinado grupo de pessoas. Esse trecho, irônico e exagerado, parece jogar com o imaginário de exotismo que se tem do caribe ao mesmo tempo em que dita a impossibilidade de explicação para determinados fatos. Ao apresentar essa origem mítica, Díaz evidencia a impossibilidade de se encontrar qualquer origem.

Ainda nas primeiras páginas do romance somos apresentados ao ditador que se tornou um dos maiores símbolos dos regimes políticos autoritários na América Latina

no século passado: Rafael Leónidas Trujillo Molina, em uma longa nota de rodapé que em nada se afasta do tom irônico do narrador do romance:

For those of you who missed the mandatory two seconds of Dominican history: Trujillo (...). He was our Sauron, our Arawn, our Darkseid, our Once and future Dictator, a personaje so outlandish, so perverse, so dreadful, that not even a Sci-Fi author could have made his ass up (DÍAZ, 2007, p. 4)

Esse início é bastante significativo do trabalho com a memória do país de origem realizado por Junot Diaz ao longo de sua obra. Por um lado, o autor retorna ao tema que é uma das maiores obsessões literárias dominicanas das últimas décadas. Por outro, o tom que imprime é absolutamente novo, e possível apenas do peculiar de fala em que se situa o autor. Dessa forma, Diaz apresenta Trujillo ao leitor comparando-o ao vilão da trilogia o senhor dos anéis e a uma figura da mitologia galesa. Ainda que de forma despretensiosa, trata-se de uma descrição rica e mediada pelo universo cultural complexo no qual se insere o migrante.

O romance faz em alguns capítulos flashbacks ao período em que a mãe de Óscar ainda vivia em Santo Domingo, nesses trechos a ação narrativa se volta completamente para essa terra originária, procedimento que se repete algumas vezes em contos de *Afogado*. Mesmo nesses trechos, a voz narrativa de Yuniór ainda utiliza o referencial cultural do imigrante jovem que deixou o país ainda muito cedo para descrever esse período não vivido por ele. Tal estratégia é de vital importância para a compreensão do procedimento de elaboração literária da memória por Junot Diaz, o autor marca com enorme frequência o local de fala de seus personagens como um entre-lugar. Não existe a pretensão de emulação e uma voz dominicana “pura”, interessa ao autor a mescla, a hibridez, desde as referências de múltiplas origens apresentadas até o trabalho com a linguagem, marcado por uma grande influência do espanhol, tanto no vocabulário como na sintaxe do texto.

### **Afogado: quando a memória é mediada pela voz narrativa infantil**

Embora a presença de elementos identificados com a cultura de massas seja uma constante na obra de Diaz esse não é único procedimento utilizado para narrar a memória pelo autor. Em *Afogado*, é reconstruído o momento da migração em si, o

trânsito República Dominicana\Estados Unidos, experiência que motiva o emprego de outro procedimento: a adoção de um narrador ainda criança ou adolescente.

Em todos os contos do livro esse recurso é utilizado, em alguns deles, no entanto, a juventude do narrador evidencia ainda mais a riqueza do procedimento. *Fiesta 1980* é um desses textos. A trama do conto em questão gira em torno das dificuldades de Yuniór, o irmão mais novo de uma família recém chegada de Santo Domingo, narrador de grande parte dos contos que compõe o volume e de outros livros de Junot Díaz, em andar no novo carro do pai sem vomitar. Essa situação, aparentemente banal, desencadeia uma série de questões fundamentais para o conto, como a tensa relação entre pai e filho, muitas vezes, e a não menos complexa relação entre a família de imigrantes e os bens que adquirem no novo país. A escrita de Díaz faz com que seja possível compartilhar o medo sentido pelo narrador infantil pelo próprio pai, demonstrando como as relações familiares podem ser violentas ainda quando não apresentam agressões explícitas:

Papi tunerd to me. Coño, muchacho, why did you eat?

Rafa had already started inching away from me. Id once told him I considered him a low-down chicken shit for moving out of the way every time Papi was going to snack me.

Collateral damage, Rafa had said. Ever heard of it?

No

Look it up

Chicken shit or not , I didn't dare glance at him. Papi was old-fashioned; he expected your undivided attention when you were getting your ass whuped.

Esse efeito só é possível através do deslocamento da voz narrativa para um indivíduo que ocupa uma posição periférica dentro do grupo familiar. Um adulto nunca experimentaria o terror de ser obrigado a controlar uma reação fisiológica. Esse episódio de alguma forma integra também outro movimento constante na obra de Díaz que é a inadaptação, seus personagens, seja quando lidam com viagens de carro ou com o rigoroso inverno do norte dos Estados Unidos parecem sempre deslocados, perdidos em um não lugar. Quando é a criança quem se encontra nessa situação, a tendência é que a dureza do deslocamento se torne ainda mais evidente.

Dessa forma, a adoção do narrador infantil possibilita que se tematize com especial sensibilidade alguns dos sentimentos que marcam a experiência do mudar de

país. Medo e inadaptação, elementos típicos do entre-lugar são recuperados de forma especialmente intensa através desse recurso na narrativa de Díaz

### **É assim que você a perde: memória e fragmentação**

É assim que você a perde é um livro de difícil classificação. Reúne nove narrativas relativamente independentes. É inegável, no entanto, que elas se conectam do ponto de vista temático e muitas vezes apresentam personagens comuns e certa continuidade de trama. De forma geral a crítica compreendeu o livro como coletânea de contos, mas o autor em entrevistas sobre o texto classifica a obra como romance.

Diferente de *Afogado*, que recupera o momento da migração em si e de *A fantástica vida breve de Óscar Wao*, que oscila entre passado e presente, *É assim que você a perde* se situa integralmente nos Estados Unidos da atualidade, com esporádicas mas significativas viagens ao país de origem. Dessa forma, pode-se observar as questões referentes à memória de forma bem mais restrita nesse terceiro livro, o que não significa, entretanto, que essa não seja uma temática relevante para a obra.

O Narrador mais uma vez é Yuniór, porém agora adulto, lidando com sua conturbada vida romântica. Dessa forma, a memória a ser reconstruída literariamente é da experiência do ser migrante na contemporaneidade, profundamente ligada à questão amorosa. Nos textos são problematizadas com maior força questões relativas à identidade do narrador e aos conflitos ocasionados por sua posição dúbia na sociedade em que se insere.

Alguns dos textos do livro apresentam elementos bastante significativos para a análise da representação da memória no livro, um deles inclui uma significativa viagem à terra de origem, e, dessa forma, torna o deslocamento físico uma ferramenta para se trabalhar a memória: *O sol, a lua e as estrelas*. Observa-se nessa narrativa como em várias outras do livro as dificuldades de lidar com relacionamentos amorosos, talvez um dos maiores pontos de contato entre as narrativas que compõem o volume, indicado já no título e reforçado na epígrafe, um trecho sobre o fim de um relacionamento escrito pela também identificada com a comunidade latina nos EUA Sandra Cisneros.

Em *O sol, a lua e as estrelas*, narrativa que inicia o livro, Yuniór narra a viagem que faz com sua noiva à República Dominicana na tentativa de recuperar o

relacionamento dos dois, abalado pela descoberta por parte dela de várias de suas traições. No texto somos apresentados a uma descrição da terra natal que em nada a idealiza, mas que mescla presente e memória:

If this was another kind of story, I'd tell you about the sea. (...)I'd tell you about the shanties and our no-running-water faucets and the sambos on the billboards and the fact that my family house comes equipped with an everreliable latrine. I'd tell you about my abuelo and his campo hands, how unhappy he is that I'm not sticking around, and I'd tell you about the street where I was born, Calle XXI, how it hasn't decided yet if it wants to be a slum or not and how it's been in this state of indecision for years. But that would make it another kind of story, and I'm having enough trouble with this one as it is. You'll have to take my word for it. Santo Domingo is Santo Domingo (DÍAZ, 2012, p. 26)

Entremeando a descrição do que Yunior vê pela janela do carro enquanto cruza a cidade observamos a presença de elementos evocados do passado, a rua da infância, o bairro em que vivia sua família. Esses elementos, apresentados pelo narrador como de menor relevância, afinal, a história que ele pretende contar não é *“this kind of story”*, vão ganhando força ao longo do texto e acabam, como em outras narrativas do livro, se tornando fundamentais para a compreensão do presente das personagens.

Em *É assim que você a perde*, portanto, o resgate da memória tem como principal função viabilizar a elaboração identitária das personagens. Apresentados sempre de forma despretensiosa, os “cacos” da terra de origem, para retomar aqui a metáfora utilizada no início do trabalho são decisivos para as reflexões existenciais de Yunior e constituem uma subtrama que enriquece e potencializa a descrição de suas desventuras amorosas.

## **Conclusão**

Torna-se evidente, dessa forma, que a obra de Junot Diaz é profundamente identificada com discursos que lidam com a memória de indivíduos marcados pela experiência do entre-lugar. Os recursos utilizados para lidar com essa temática no entanto, variam em seus livros e demonstram toda a riqueza dessa literatura que também é fruto da diáspora.

O presente trabalho, longe de pretender esgotar essa questão, procurou explorar algumas dessas estratégias e evidenciar seus mecanismos de construção. Tal exercício



evidencia a complexidade dos discursos da memória ao mesmo tempo em que deixa clara a necessidade de continuar investigando seu papel na construção do texto literário. No caso da obra de Junot Diaz o discurso que representa a memória funciona como testemunho da elaboração identitária do migrante evidenciando a multiplicidade cultural que só essa complexa condição é capaz de produzir.

### **Referências**

DÍAZ, Junot. Drown. New York: Riverhead, 1997.

\_\_\_\_\_ The brief and wondrous life of Oscar Wao. New York: Riverhead Books, 2007.

\_\_\_\_\_ This is How you lose her. New York: Riverhead, 2012.

FIGUEIREDO, Eurídice. Representações da etnicidade: perspectivas interamericanas de literatura e cultura. Rio de Janeiro: 7letras, 2010.

SARLO, Beatriz. Tempo passado. Belo Horizonte: Companhia das Letras\Editora UFMG, 2007.

TRIGO, Abril. Memorias migrantes: Testimonios y ensayos sobre la diáspora uruguaya. Rosário: Beatriz Viterbo, 2003.